

TEXTÁFRICA PERDEU 300 HECTARES DE ALGODÃO

● Ventos fortes e seca na origem do problema

por Felisberto Arnaça (texto) e Felisberto Laice (foto)

N. 15/4/92

Mais de 300 hectares de algodão dos 1200 lavrados pela empresa Textáfrica em Chimoio, na campanha agrícola 1991/92, foram completamente devastados por uma tempestade tropical de ventos quentes e fortíssimos, aliados à grave seca que assola a província de Manica, obrigando as entidades patronais desta unidade fabril a optarem pelo ressemo de algumas das áreas destruídas, através de um sistema de irrigação por aspersão. Segundo o administrador da empresa, Eng^o José Sousa Pinto, muito embora este sistema esteja a surtir efeitos positivos, a colheita de algodão não terá, este ano, os rendimentos inicialmente previstos.

Em consequência desta calamidade natural, prevê-se, assim, que cerca de 500 hectares venham a ter rendimento satisfatório, 200 razoável, outros 200 fraco e os restantes 300 completamente nulo.

O cultivo dos 1200 hectares de algodão, segundo José Sousa Pinto, enquadra-se num projecto de relançamento desta cultura intensiva, com vista a minimizar as carências em matéria-prima que a empresa vinha enfrentando desde os anos 80.

O projecto, concebido como novo plano director da produção da Textáfrica nos finais de 1989, arrancou em Janeiro de 1990 e abrangeu igualmente a área industrial.

O plano consistiu na modificação dos artigos até então fabricados, mais adaptados às máquinas, dando rendimento e qualidade.

Mesmo com esse programa, a fábrica continuava a ressentir-se do problema da falta de matéria-prima, tendo sido feitos esforços para a sua superação, permitindo ultrapassar as metas planificadas em 109 por cento. Nesse ano de 1990, foram produzidos 12 800 mil metros quadrados de tela, correspondentes a 3200 mil dólares americanos.

Em 1991, a Textáfrica ultrapassou os 15 milhões de metros quadrados, que permitiram um rendimento de cerca de quatro milhões de dólares.

Até ao início do projecto, a Textáfrica vinha sendo abastecida com matéria-prima de fabrico nacional e outra parte proveniente do estrangeiro.

Foi então que decidimos iniciar um processo, em 1990/91, de estudo e desenvolvimento da cultura algodoeira na Quinta das Laranjeiras, numa área de 1200 hectares. A campanha foi iniciada com todos os pormenores, que incluem sementeira, produtos químicos e equipamentos. Previamos ter um ano excepcional de produção de algodão — disse o Eng^o José Sousa Pinto, acrescentando que «a seca e os ventos quentes prejudicaram sobremaneira e quase destruíram todo o esforço despendido».

O nosso entrevistado afirmou que «procurando não perder tudo, foi montado um sistema de irrigação que

actualmente ultrapassa os cinco quilómetros de linha de tubagem, utilizando várias motobombas até esgotar o que resta dos recursos hídricos à volta da plantação.

Para a próxima campanha agrícola

Chimoio).

O Eng^o José Sousa Pinto disse que face ao sucesso do projecto, acrescido do projecto agro-industrial, o Grupo Fomento/Banco Português do Atlântico está disposto a negociar com o Governo

nossa fonte, pretende, por outro lado, reactivar outras empresas agrícolas em que a Textáfrica detinha parte do capital como, por exemplo a SAZA (Sociedade Algodoeira da Zambézia), planos descritos pelo Eng^o José Sousa Pinto como sendo de curto-prazo.

O Eng^o Pinto defendeu que qualquer perspectiva de aumento de produção tem que ser acompanhada de aumento de equipamento da fábrica Textáfrica, pois no ano de 1991 atingiu-se, na área industrial, uma meta



Parte dos 1200 hectares do algodão lavrados pela Textáfrica na campanha agrícola 1991/92

1992/93, segundo a fonte, a Textáfrica pretende aumentar entre 1000 a 1200 hectares a área de cultivo de algodão, e o trabalho de destronca de árvores já está em curso na Quinta das Laranjeiras.

Projecta-se igualmente separar a actividade agrícola que a empresa possui da actividade industrial, tendo em vista, deste modo, com duas empresas distintas, nomeadamente a Textáfrica Agro-Industrial e a Textáfrica Sociedade Têxtil de Vila Pery (hoje

moçambicano novos e grandes investimentos na área têxtil.

Pretende também alargar as áreas de produção de algodão em várias províncias do país, nomeadamente em Mocimbeze (fronteira entre Manica e Zimbábue), cultivando uma área de 15 mil hectares, e na província de Nampula, para o abastecimento à fábrica Texmucque, empresa em que a Textáfrica é participante.

O Grupo Fomento/BPA, segundo a

jamais alcançada pela empresa desde a independência.

A Textáfrica tem uma capacidade instalada de 13,5 milhões de metros quadrados de tela. Por sinal hoje a maior unidade industrial do ramo têxtil na África Oriental, foi criada essencialmente para produzir para o mercado local